

Aula 3

LEITURA E COMPREENSÃO/ INTERPRETAÇÃO (1): DA DIALÉTICA PLATÔNICA AO SILOGISMO ARISTOTÉLICO

META

Retomar a questão das teorias ou filosofias do sentido com relação ao que elas defendem ser a realidade ou a substância, discutir a filosofia que se associa à Dialética do ateniense Platão e mencionar algumas das recusas de Aristóteles em favor do silogismo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Ler interpretar/esquematizar alguns trechos da obra de Platão e problematizar o alcance da linguagem e da dialética em sua filosofia, começar a indicar os motivos que levaram Aristóteles a recusá-la e a substituir a dialética pela silogística.

PRÉ – REQUISITOS

Os pré-requisitos são a PACIÊNCIA e a ATENÇÃO para ler o texto da aula, a capacidade de INTERPRETAR/ESQUEMATIZAR/COMPREENDER quais teses estão envolvidas nos textos citados e a HABILIDADE para buscar na internet ou em material impresso certas palavras, conceitos, biografias, verbetes.

William de Siqueira Piauí

INTRODUÇÃO

Se toda filosofia deve ser considerada crítica da linguagem e o mundo deve ter substância para que possamos resolver o problema do significado ou do sentido (Wittgenstein, *Tractatus*, aforismos 4.0031, 2.021 e 2.0211), nesta aula gostaríamos de começar problematizando as seguintes questões: Como o filósofo grego Platão pensava o alcance da linguagem? Que relação a linguagem deveria ter com a verdade e a essência das coisas em sua filosofia? Quais as características mais básicas e o alcance da dialética platônica? O que Platão parece ter herdado de Sócrates e o que isso pode ter a ver com Parmênides? Quais as críticas de Aristóteles à filosofia e dialética platônicas e o que o silogismo tem a ver com elas? Vamos nos manter em uma interpretação/compreensão de Platão que considera a linguagem como remédio, em grande medida oposta à de Arcesilau ou a do contemporâneo Derrida; o que parece oferecer uma resposta completamente diferente para parte do problema levantado no início do diálogo *Crátilo*.

DESENVOLVIMENTO

O diálogo *Crátilo* de Platão tem início com a seguinte questão:

Hermógenes – Sócrates o nosso amigo Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, (...) que, por natureza, tem sentido [ou significado] certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral. (*Crátilo*, 383a, p. 145).

Hermógenes, personagem de quem partiu esta fala, afirma que Crátilo parece defender a tese que os nomes (*onoma*) podem sim ser atribuídos propriamente às coisas, uma espécie de “língua adâmica”, ou seja, “que cada coisa tem por natureza um nome apropriado”, não se tratando, portanto, de sentido ou significação por convenção ou acordo (*synthéke*); contra o que pensava Hermógenes, que afirmava:

Por minha parte, Sócrates, já conversei várias vezes a esse respeito tanto com ele [Crátilo] quanto com outras pessoas, sem que chegasse a convencer-me que a justeza dos nomes se baseia em outra coisa que não seja convenção e acordo. (*Crátilo*, 384d, p. 146).

Nos parece que, para julgar qual solução de fato foi pensada por Platão, precisamos considerar a fala feita também pelo personagem *Crátilo* como parte de uma suposta resposta contrária à tese levantada por Hermógenes, a saber:

Ora, se as coisas não são semelhantes ao mesmo tempo, e sempre, para todo mundo, nem relativas a cada pessoa em particular, [então] é claro que devem ser em si mesmas de essência permanente; não estão em relação conosco, nem na nossa dependência, nem podem ser deslocadas em todos os sentidos por nossa fantasia [ou imaginação] (*phantasma*), porém existem por si mesmas, de acordo com sua essência (*ousia*) [ou substância] natural [ou própria]. (*Crátilo*, 386e, p. 149).

Ou seja, parece que uma resposta adequada para a questão da justeza dos nomes exige a teorização dos problemas “se as coisas” “não” “são **se-melhantes** ao mesmo tempo, e sempre, para todo mundo”, que parece ter o mesmo sentido de “se as coisas” “não” (referente a “nem”) são “relativas a cada pessoa em particular”, e “se as coisas” “devem ser em si mesmas de essência permanente”, que parece ter o mesmo sentido de “existem por si mesmas, de acordo com sua essência natural” ou substância – talvez a decisão se quem estava certo era Parmênides ou Heráclito –. Tem a ver, portanto, com as respostas para as questões “O que de fato são as coisas, qual sua essência ou substância?” e “Qual a relação entre essência ou realidade e linguagem, coisas reais e nomes?”. Assim, parece que se conseguíssemos depreender de alguns textos de Platão alguma solução para esses problemas e questões teríamos como voltar à disputa de Hermógenes e Crátilo quanto a se a linguagem significa por convenção (*ex instituto*), por natureza, ou por um misto de ambas. Na nossa opinião, para entender os termos mais básicos de alguma solução para eles basta fazer uma leitura interpretação/esquematização/compreensão pouco minuciosa dos textos *Sofista* e *Timeu*; é o que pretendemos fazer a partir de agora.



Pensando nas regras de inferência ou leis lógicas *Modus Tollens* e *Modus Ponens* quais seriam as condições para que o raciocínio hipotético de Crátilo fosse verdadeiro?

COMENTÁRIO SOBRE A ATIVIDADE

É preciso esquematizar o argumento e determinar qual o antecedente e o conseqüente, o resto diz respeito à compreensão do emprego da regra.

O livro *Timeu* trata, dentre outras coisas, de questões ligadas a origem e dinâmica do cosmos (*kosmos*), é uma cosmologia (*kosmos-lógos*), inclui principalmente questões que foram tratadas pelos pré-socráticos, mas parece ser nele que podemos ver enunciado aquilo que permitiria à filosofia platônica ultrapassar tanto a incompatibilidade entre Crátilo e Hermógenes quanto entre Heráclito e Parmênides. Nessa obra podemos pensar em um Platão defendendo a opinião que a natureza “participa” dos modelos eternos e imutáveis, das ideias, formas, gêneros, espécies, “participa” dos universais. Logo no início do diálogo surge o personagem Timeu que, por seus conhecimentos em Astronomia, é convidado a falar e ele começa justamente estabelecendo que:

(...) será preciso, de início, distinguir o seguinte. Em que consiste o que sempre existiu (*tó on aei*) e nunca teve princípio? E em que consiste o que devém [ou sempre muda] e nunca é? O primeiro é apreendido pelo entendimento com a ajuda da razão [ou raciocínio], por ser sempre igual [ou semelhante] a si mesmo, enquanto o outro o é pela opinião, secundada pela sensação carente de razão, porque a todo instante nasce e perece, sem nunca ser verdadeiramente. (PLATÃO, 2001 [*Timeu*, 28a], p. 64).

Assim, o que uma parte das coisas deste mundo “é” tem a ver com o que devém ou sempre muda e nunca é, e é apreendida pela opinião (*doxa*) com a ajuda da sensação carente de razão (*a-lógos*), tais coisas nunca são verdadeiramente. O motivo para ser desta maneira tem a ver com o modo como o mundo material foi criado, ou como supõe Timeu:

Da combinação entre a substância indivisível que é sempre a mesma, e a divisível que nasce nos corpos, [o criador do mundo visível] compôs a terceira, uma espécie de substância intermediária. Por outro lado, no que diz respeito à natureza do Mesmo e do Outro, compôs também uma espécie intermediária entre a substância indivisível e a substância divisível nos corpos. De seguida, tomando os três, reuniu-os em uma forma única, forçando, com isso, a difícil natureza do Outro a misturar-se com o Mesmo. (PLATÃO, 2001 [*Timeu*, 35b], p. 71).

Ou seja, as coisas deste mundo que têm corporeidade ou as que podemos sentir “são e não são” o tempo todo, ou seja, não são propriamente, por estarem entre a natureza ou substância divisível que nasce dos corpos, os quais nunca são uma mesma coisa, e a essência ou substância indivisível, que diz respeito ao que *é uno e sempre o mesmo* (*tó on aei*). Para o personagem Timeu, as coisas deste mundo são o resultado da mistura do mesmo ou próprio e do outro ou diferente, do ser indivisível e do divisível. Se queremos ultrapassar este estado de coisas é preciso que encontremos um modo de separá-los (*diáresis*); se *é que* a substância, a essência indivisível ou ser, existe sozinha e separada.

Portanto, o que está em questão é a possibilidade de se obter “por apreensão do entendimento” (*noésis*) com “o auxílio da razão ou raciocínio (*lógos*)”, um conhecimento da natureza essencial (*ousia*) das coisas, um conhecimento certo, passível, pois, de verdade em sentido absoluto; ou apenas um conhecimento à maneira de opinião, *não* propriamente verdadeiro, um conhecimento apenas conjectural, não uma “crença verdadeira justificada” (cf. *Teeteto*, 201a-d), mas uma opinião ou crença pura e simples. Parte da resposta já havia sido dada antes, a saber:

(...) qual dos dois modelos (*paradigmas*) tinha em vista o arquiteto quando o construiu [o mundo (*kósmos*)]: o imutável e sempre igual a si mesmo ou o que está sujeito ao nascimento [o mutável e nunca igual a si mesmo]? Ora, se este mundo é belo e for bom seu construtor (*demiurgo*), sem dúvida nenhuma este fixara a vista no modelo eterno; e se for o que nem poderá mencionar, no modelo sujeito ao nascimento. Mas para todos nós é mais do que claro que ele tinha em mira o paradigma [ou modelo] eterno; entre as coisas nascidas não há o que seja mais belo do que o mundo, sendo seu autor a melhor das causas. Logo, se foi produzido dessa maneira, terá de ser apreendido pela razão [ou raciocínio] (*lógos*) e a inteligência (*phronésis*) e segundo o modelo sempre idêntico a si mesmo. Nessas condições, necessariamente o mundo terá de ser a imagem [ou cópia] (*eikasía*) de alguma coisa. (PLATÃO, 2001 [*Timeu*, 29a], p. 65).

A suposição ou hipótese segundo a qual o mundo pode ser conhecido de forma “científica” ou “teórica”, o fato de podermos formar sobre ele uma “crença verdadeira justificada”, só pode ser afirmada se os condicionantes “ser belo o mundo” e “ser bom seu construtor” forem satisfeitos; tendo em vista que “entre as coisas nascidas não há o que seja mais belo do que o mundo” e “seu autor[/construtor] a melhor das causas”, o mundo deve ser a imagem de alguma coisa que é eterna e imutável, imagem do que, de fato, é passível de verdade, coisas que “não” são “relativas a cada pessoa em particular”.



ATIVIDADE

Como você interpretaria/esquematizaria o texto citado aqui [*Timeu* 29a]? Qual a hipótese formulada e quais as condições de sua solução? Como poderia ser esquematizado o raciocínio condicional envolvido (quem são os antecedentes e consequentes)? O que significam as palavras *nous*, *noésis*, *lógos*, *diáresis*, *dóxa*, *kósmos*, *ousia*, *phronésis*, *eikasía*, *demiourgós*, *alétheia*, *gênesis*, *pístis*? Qual sua origem? Que palavra grega corresponde a “crença” no *Teeteto* (201a-d)? O que a expressão “crença verdadeira justificada” tem a ver com o problema de Gettier?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É preciso *atentar* para as unidades mínimas de sentido, para as frases e sua pontuação, mas também para os variados tipos de conectores do texto, os tipos de conjunção utilizados, é preciso pensar o que deve ser ajuntado e o que deve ser separado e qual a ordem de importância de cada parte ou subparte. O texto começa formulando um problema ou uma hipótese; em seguida as condições associadas ao uso de “se”, que exige duas coisas, e “e se”; a conjunção adversativa “mas” indica a resposta ao problema e a pontuação “;” explicita as condições *que foram satisfeitas*; a pontuação “.” seguida da conjunção explicativa “Logo” pode iludir sua verdadeira posição com relação à condição indicada pelo “se” que a segue; em seguida são duas as consequências da condição satisfeita; o texto termina com uma consequência/condição. No mais, uma visita rápida à internet pode ajudar a encontrar as palavras gregas listadas e o mesmo pode ser dito do problema de Gettier.

Tendo em vista que de fato existem coisas que “não” são “relativas a cada pessoa em particular”, logo, que são “em si mesmas de essência permanente”. Falta estabelecer a possibilidade que o homem tenha os instrumentos adequados para o conhecimento verdadeiro. Para estabelecê-la basta tratarmos um pouco do papel da linguagem no *Timeu*, podemos começar pela seguinte fala:

Por isso, em se tratando de uma imagem e seu modelo antes de mais nada precisamos distinguir o seguinte: as palavras [ou raciocínios] são da mesma ordem das coisas que elas exprimem quando expressam o que é estável e fixo e visível com a ajuda da inteligência, elas também serão fixas e inalteráveis, tanto quanto é possível e o permite sua natureza serem irrefutáveis e inabaláveis, nem mais nem menos. Mas se apenas exprimem o que foi copiado do modelo, ou seja, uma simples imagem, terão de ser, tão somente, parecidas, para ficarem em proporção com o objeto; **o que a essência é para o devir, a verdade é para a crença.** (PLATÃO, 2001 [*Timeu*, 29c], p. 65, grifo nosso).

Aqui se afirma de forma explícita a capacidade de as palavras ou raciocínios (*lógos*) alcançarem as coisas que não são simples cópias, o que de fato é, quando alcançam o que há de estável e fixo, quando com a ajuda da inteligência (*nous*) alcançam os modelos últimos; e Platão estabelece a relação esclarecedora “a essência (*ousia*) está para o devir (*gênesis*), assim como a verdade (*alétheia*) está para a crença (*pístis*)”. Ou seja, assim como a verdade diz a essência ou é ela própria, a crença ou simples opinião se

liga ao devir, ao que não é fixo e inalterável ou ao que não pode ser dito verdadeiro, se associa às simples cópias.

Isso decide parte das questões levantadas no *Crátilo* quanto ao fato de se os nomes podem se referir ao imutável ou não, eles poderiam simplesmente significar o que de fato existe. Contudo, para tratarmos dessa questão de forma adequada é preciso responder a pergunta “Qual *unidade mínima de sentido* seria capaz de dizer adequadamente as essências, os modelos últimos?” Tratar-se-ia de um nome apenas, uma proposição, uma definição? Afirmaremos sem maiores detalhes que, ao menos para o Platão que estamos tentando fixar, se trata da definição e vamos tentar mostrar que nossa opinião é bem fundada. Falemos um pouco sobre o alcance das definições na Grécia de Platão.

É bastante longa a história da unidade de sentido “definição” como expediente linguístico capaz de apresentar, mostrar, “significar” o imutável, o universal, a essência, a substância, as ideias, o verdadeiro; Aristóteles apresenta parte dessa história da seguinte maneira:

Platão, com efeito, tendo sido desde jovem amigo de Crátilo e seguidor das doutrinas heraclitianas, segundo as quais todas as coisas sensíveis estão em contínuo fluxo e das quais não se pode fazer ciência (*epistémē*), manteve posteriormente estas convicções. Por sua vez, Sócrates ocupava-se de questões éticas (*éthikē*) e não da natureza (*phýsis*) em sua totalidade, mas buscava o universal (*kathólou*) no âmbito daquelas questões, tendo sido o primeiro a fixar a atenção [ou pensamento] (*dianóia*) nas definições (*oros, orismós*). Ora, Platão aceitou esta doutrina socrática, mas acreditou (...) que as definições se referissem a outras realidades e não às realidades sensíveis. Então ele chamou essas outras realidades Ideias (*Idéas*), afirmando que os sensíveis existem ao lado delas e delas recebem seus nomes (...). (ARISTÓTELES, 2005 [*Metafísica*, A ou I, § 6, 987b], p. 35).

Como vemos, quanto ao emprego das definições, a referência mais próxima de Aristóteles era Platão, para quem a referência era Sócrates, que teria aprendido a arte de seu uso com Zenão, discípulo imediato de Parmênides. Dentre várias obras de Platão, parece que o diálogo *Sofista*, dado o caráter didático com que apresenta a definição do “pescador por anzol”, é o mais indicado para uma boa compreensão do que seja o método dialético definitório. O diálogo se passa entre o discípulo de Sócrates, o jovem Teeteto, e um estrangeiro de Elea, um eleata, o que certamente fazia lembrar Parmênides, pai da dialética e mestre de Zenão. A forma com que vão operar a definição indica tratar-se de uma explicação didática (mas muito mais do que isto, atenção!), tendo em vista que tentarão construir um modelo, um paradigma; ou seja, pelo método de divisão e classificação, diérese, constituirão um paradigma auxiliar para o restante do diálogo. Vejamos como tem início a investigação:

Entretanto cabe a mim [Estrangeiro] e a ti [Teeteto], ao empreender este exame [ou investigação] iniciá-lo desde logo pelo estudo do sofista, ao que parece, procurando saber e definir claramente o que ele é. (...) Mas, o método aceito por todos, e em todo o lugar, para levar a bom termo as grandes obras é o de que se deve procurar, primeiramente, ensaiar em exemplos pequenos e mais fáceis antes de chegar propriamente aos temas grandiosos. (...) O que, então, de mínimo poderíamos propor-nos, que fosse fácil de conhecer, comportando, entretanto, uma definição tão trabalhosa quanto a de qualquer outro assunto mais importante? O pescador por anzol, por exemplo, não te parece um assunto conhecido de todos (...). (PLATÃO, 1972 [*Sofista*, 218c], p. 139).

Assim, o diálogo começa pela construção de uma definição auxiliar que deve servir de modelo ou paradigma para o trabalho de definir, posteriormente, o que é o sofista. De forma resumida, trata-se de um método exaustivo a partir do qual a uma pergunta que enuncia dois termos o interrogado só pode dar assentimento a um, formando uma cadeia de termos aos quais o interrogado foi dando assentimento; esses termos, no final do trabalho dialético-definitório, são colocados a direita ou esquerda.



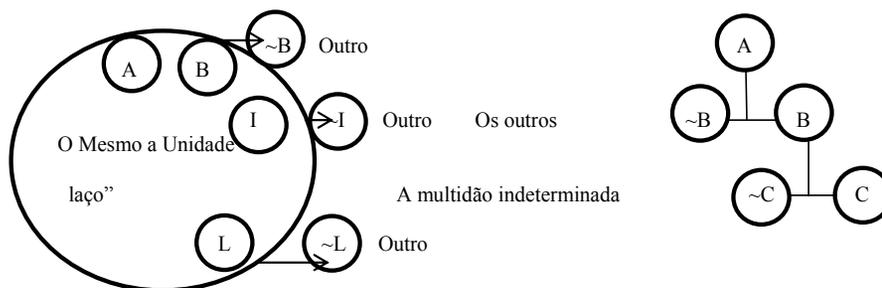
ATIVIDADE

Qual a principal disputa entre Parmênides e Heráclito, que posições assumiram Zenão e Crátilo quanto a ela? Decida qual o tipo de disjunção está envolvida, formalize e faça a tabela de verdade da seguinte proposição: “ou o que é é e o que não é não é ou o que é não é e o que não é é”. Tente esquematizar o jogo dialético estabelecido de modo didático a partir de 219a no *Sofista* de Platão. Você percebeu que todo o jogo é dicotômico, se faz aos pares como em uma disjunção exclusiva? Quais sofistas deram nome a diálogos de Platão?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADE

Há maneiras bem simples de diferenciar o essencial da filosofia daqueles dois pré-socráticos, e isso basta. Os paradoxos formulados por Zenão levariam ao assentimento a um dos dois apenas, ou seja, Parmênides ou Heráclito. Pense nas possibilidades de verdade das proposições “sou brasileiro ou sou chileno” e “sou jogador de futebol

ou sou médico”. Quem coordena o jogo dialético é a pergunta “Qual dos dois?”, os termos envolvidos devem ser disjuntos excludentes (ou um ou outro de cada vez); atenção ao fato que o jogo começa com o domínio de uma técnica, primeiramente, pois, o pescador por anzol é um técnico, a certa altura ele é definido como “caçador” e “de seres animados”, por fim, ele exerce sua arte “com anzol”. Esquematize com algo do tipo:



O mais importante daquele método de análise e construção das definições, e muitos se esquecem disso, é o fato de ele permitir estabelecer um contínuo, uma definição ou discurso contínuo, capaz de sacar da multidão, de laçar na multiplicidade indeterminada, de separar o mesmo dos outros e dos outros o mesmo, e de ambos a substancia, a essência; ou seja, quando aplicado ao objeto adequado e de maneira adequada, o trabalho dialético permitiria sacar de uma multidão indeterminada ou confusa (*apeiron*) e em constante mudança ou devir, uma unidade, um todo em que se une principio e fim. É esse o motivo por que, depois de realizado o trabalho de construção da definição do Sofista, mesmo que apenas supostamente, é dito: “Encerremos aqui a cadeia, como fizemos anteriormente, reatando juntos, de ponta a ponta [do princípio ao fim] retrospectivamente, os elementos de seu nome [ou definição]”. (PLATÃO, 1972 [*Sofista*, 268d], p. 203).

Se de fato alcança e delimita uma substancia – uma essência, uma ideia, um modelo, um universal –, tal nome associado a um raciocínio, encadeamento de palavras ou definição assume sua significação ou sentido adequado e podemos estar certos de que chegamos o mais próximos daquilo a partir do que a divindade criou o mundo; do contrário vale o que Platão havia afirmado no *Timeu* (29c, p. 65): “se [as palavras] apenas exprimem o que foi copiado do modelo, ou seja, uma simples imagem, terão de ser, tão somente, parecidas, para ficarem em proporção com o objeto”, ou seja, não dirão propriamente o verdadeiro, serão a expressão da crença pura e simples.

Essa parece ser a dificuldade de se definir o sofista, seu nome não se refere a algo de eterno, imutável, ou algo que se relacione imediatamente com a forma primeira, ele seria um simulacro do filósofo, do verdadeiro

sábio, uma simples imagem, uma cópia segunda; o sofista não seria de fato um amante do saber (*philos-sóphos*).

Vale lembrar que o ponto em que Aristóteles insistia quando descrevia a maneira socrática de construir as definições era o seguinte:

Sócrates ocupou-se das virtudes (*aretê*) éticas (ética), e por primeiro tentou dar definições (*oros, orismos*) universais (*katholou*) delas (...), buscava a essência (*tó ti estîn*) das coisas e com razão: de fato, ele tentava seguir o procedimento silogístico, e o princípio (*arkeê*) dos silogismos (*sylogismós*) é, justamente, a essência. A dialética (*dialektikê*) daquele tempo, ainda não era forte para proceder o exame dos contrários independentemente da essência (...), duas são as descobertas que se podem atribuir com razão a Sócrates: os raciocínios (*lógos*) indutivos (*epagogê*) e a definição universal: estas descobertas constituem a base da ciência (*epistême*). (ARISTÓTELES, 2005 [*Metafísica*, M ou XIII, § 4, 1078b 20], p. 605).

Nessa passagem, bem como na da *Metafísica* (987b) que citamos anteriormente, vemos confirmado o fato de Sócrates ter sido o primeiro que procurou definir conceitos morais ou éticos, definir substantivos como “virtude”, “bem”, “beleza”, “amor” etc.; eis o aspecto ético-antropológico da filosofia socrática, restabelecendo a ligação com o tipo de trabalho que Platão teria aprendido com Sócrates; também deixa claro que é preciso suspeitar do convencionalismo de Aristóteles, ele de maneira nenhuma significa o abandono da ideia que a linguagem, em sua função mais própria, deve buscar determinar as essências, as substâncias, o que é, e, como veremos, é justamente essa uma das características mais importantes do silogismo e base da ciência. Em nome do silogismo aristotélico a dialética passará a ter outro alcance e função.

Voltando ao que dizíamos, nos diálogos platônicos podemos encontrar vários modelos do trabalho dialético-definitório, e todos exigem exame cuidadoso feito em várias etapas; esse trabalho é possível graças a dois expedientes bastante distintos: primeiro, as definições devem ser elaboradas por meio das associações e divisões possíveis dos gêneros, esse trabalho tem como guia o conhecimento de uma ciência determinada; segundo, esta divisão ganha sua força na visão das unidades, que se faz, em última instância, graças à visão do Bem ou estada no mundo das ideias antes de nosso renascimento-esquecimento. Isto significa, partindo do *Timeu*, que o fato de a divindade ter criado segundo modelos eternos e a linguagem ser capaz de separar o mesmo dos outros de modo a definir adequadamente uma essência, é essa a possibilidade que guia o trabalho dialético no sentido da obtenção da verdade. Platão enuncia o primeiro ponto da seguinte maneira:

Desde que os gêneros, como conviemos, são eles também mutuamente suscetíveis de semelhantes associações, não haverá necessidade de uma ciência que nos oriente através do discurso, se quisermos apontar com exatidão quais os gêneros que são mutuamente concordes e quais os outros que não podem suportar-se (...). Dividir assim por gêneros [ou espécies, ou conjuntos, ou classes, ou categorias], e não tomar por outra, uma forma que é a mesma, nem pela mesma uma forma que e outra, é essa, como diríamos a obra da ciência dialética. (...) Aquele que assim é capaz e discerne, em olhar penetrante, uma forma única desdobrada em todos, através de uma pluralidade de formas diferentes umas das outras envolvidas exteriormente por uma forma repartida através da pluralidade de todos e ligada à unidade, finalmente numerosas formas inteiramente isoladas que para cada um deles são possíveis e impossíveis [está de posse da dialética]. (PLATÃO, 1972 [*Sofista*, 253d], p. 184).

Como vemos, a ciência capaz de nos guiar diante da multiplicidade do universo – do mundo misturado do mesmo, dos outros e da substância – e da divisão/classificação adequada da variedade das formas, permitindo atribuir de maneira adequada cada forma, cada ideia, a um determinado gênero de ser chama-se, propriamente agora, *dialéktiké*. Assim, a dialética é capaz de se dirigir a um ambiente mais elevado, é o que Platão afirma também na *Republica*, Livro VI, 511b.

Portanto, quando o método definitório está devidamente subordinado a ciência dialética deve conseguir determinar as essências; no plano do discurso ou do raciocínio, do *lógos*, isso significa chegar à verdade é esse o significado da definição que Platão oferece de discurso falso ao final do *Sofista*, a saber:

Assim, o conjunto [ou encadeamento] formado de verbos e nomes, que enuncia, a seu respeito, o outro como sendo o mesmo, e o que não é como sendo, eis, exatamente, ao que parece, a espécie de conjunto que constitui, real e verdadeiramente, um discurso falso. (...) Pensamento (*dianóia*) e discurso (*lógos*) são, pois, a mesma coisa, salvo que é ao diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma que chamamos pensamento. (PLATÃO, 1972 [*Sofista*, 263d], p. 197).

Podemos dizer que o discurso, o raciocínio ou a definição verdadeira é aquele encadeamento ou conjunto formado de verbos e nomes que, tendo separado o confusamente misturado, toma o mesmo como sendo o mesmo e o outro como sendo o outro e, em parte como queria Parmênides, o que é como o que é e o que não é como o que não é. Parricídio é justamente dizer o que não é como o que é, poder dizer o falso, poder dizer o que não é e jamais poderá ser. Feito isso podemos concluir que em Platão a linguagem se apresenta, seguindo regras determinadas, seguindo a ciência dialética,

como ferramenta adequada para dizer o ser e o pensamento; quando um pensamento é transformado em discurso e esse discurso é verdadeiro o pensamento e o ser são o mesmo.

Por fim, além das críticas já mencionadas, Aristóteles considerou parte da definição de discurso verdadeiro de Platão, um discurso que diz do que é que é, o mesmo do mesmo, totalmente dispensável, em suas palavras:

Ora, investigar a razão pela qual uma coisa é ela mesma é investigar nada (...). A menos que se prefira responder: porque cada coisa não pode ser dividida de si mesma, e isso significa, exatamente, dizer que a coisa é una; mas essa resposta serve para qualquer coisa e é genérica. Pode-se, ao contrário, investigar por que o homem é um animal dessa determinada natureza [ou espécie, ou classe, ou conjunto, ou categoria]. Nesse caso é evidente que não se investiga por que aquele homem é homem; antes, investiga-se por que uma coisa convém a outra [ou um ser é predicado de outro] (...). (ARISTÓTELES, 2005 [*Metafísica Z* ou VII, §17, 1041a 20], p. 361).

Para compreendermos o que aquelas críticas e esta querem dizer teremos de esperar pela próxima aula.

CONCLUSÃO

Certamente algumas ideias que aparecem no *Organon* de Aristóteles haviam sido pensadas muito antes e a demonstração da incomensurabilidade da diagonal ou o teorema (supostamente) de Pitágoras, o princípio de identidade (supostamente) de Parmênides, os paradoxos ou provas por absurdo de Zenão, são apenas alguns dos possíveis exemplos; todavia, é difícil encontrar tantos elementos e uma reflexão tão profunda sobre o papel e alcance da linguagem antes de Platão. Se nos fixarmos na filosofia platônica das ideias ou na opinião que a linguagem podia ser o antídoto contra a confusão ou aparência pura e simples, somente uma discussão profunda e com variados elementos poderia fazer um determinado tipo de discurso, o verdadeiro ou o adequado, coincidir com a realidade, com as essências ou universais. De qualquer modo, o uso das definições na Geometria grega nascente oferecia muitos exemplos daquele suposto alcance. Com Aristóteles assistiremos ao nascimento de uma nova concepção de linguagem e de uma vasta gama de novos problemas, em sua filosofia será a silogística que assumirá e ultrapassará o papel da dialética platônica.



ATIVIDADE

O que estabelece o princípio de identidade e o que isso pode ter a ver com Parmênides? O que significa “parricídio” no *Sofista*? Por que reatar o fim ao começo de uma definição pode contribuir para o processo de separação? Como as definições de objetos geométricos poderiam contribuir para compreender a teoria das ideias de Platão? O que é um raciocínio indutivo e um raciocínio dedutivo? Quais críticas de Aristóteles a Platão mencionamos? Qual é a dialética praticada por Aristóteles? Do que tratam os §§ 24 e 25 do *Discurso de metafísica* escrito pelo moderno Leibniz?

Comentário (IV): é preciso tomar cuidado para não confundir aquele princípio com o de não-contradição, a tabela de verdade correspondente a proposição “ $A=A$ e $\sim A=\sim A$ ou $A=\sim A$ e $\sim A=A$ ” pode ajudar; pense na importância de delimitação e a ideia de cercar completamente; pense se um objeto geométrico é definido física e ostensivamente ou abstrata e universalmente (cf. *Carta VII* 342b, de Platão); existem dois tipos principais de silogismos/raciocínios para Aristóteles, um tem mais força que o outro, um é indutivo; as críticas estão nas citações de Aristóteles. É preciso dar uma olhada na obra de Leibniz em questão.



RESUMO

Tendo identificado, do ponto de vista do alcance geral da linguagem escrita ou falada, um problema formulado no diálogo *Crátilo* de Platão e alguma solução para ele a partir das obras *Timeu* e *Sofista*; pretendemos problematizar e responder às seguintes questões: Como o filósofo grego Platão pensava o alcance da linguagem? Que relação a linguagem tinha com a verdade ou a essência das coisas na filosofia platônica? Quais as características mais básicas e o alcance da dialética platônica? O que Platão parece ter herdado de Sócrates e o que isso pode ter a ver com Parmênides? Quais as críticas de Aristóteles à filosofia e dialética platônicas e o que o silogismo tem a ver com elas?



AUTOAVALIAÇÃO

Li e me informei sobre o conteúdo da aula? Fui capaz de realizar as atividades sugeridas? Refleti o suficiente sobre qual alcance Platão parece atribuir à linguagem? Compreendi as menções a Hermógenes, Crátilo, Heráclito, Parmênides, Zenão, Sócrates e os sofistas? Compreendi as críticas iniciais de Aristóteles? Sou capaz de esquematizar o jogo dialético que consta no início do diálogo *Sofista*? Compreendi que saber um pouco de gramática, associado aos conectivos e pontuação, ajuda muito na hora de interpretar/esquematizar um argumento ou raciocínio hipotético?



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula continuaremos fornecendo técnicas de leitura e compreensão/interpretação de textos tratando do tema “Da dialética platônica ao silogismo aristotélico”

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon: Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.
- KOSLOWSKI, Adilson. “Um mapa da epistemologia pós-Gettier”. In: **Conhecimento e Linguagem**. MENNA, Sérgio (org.). Porto Alegre: Ed. Redes, 2013.
- PLATÃO. **Crátilo**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.
- PLATÃO. **Diálogos (Sofista e Político)**. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1972.
- PLATÃO. **República**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.
- PLATÃO. **Timeu**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 1993.